

O defunto e o viúvo

É dia 15 de fevereiro como tem todo ano,
Mas não é 15 de fevereiro igual a todos os anos;
É 15 de fevereiro quando há um defunto,
Mas não um defunto como todos os outros.

O corpo não fede, não empalidece, nem pode ser comido por vermes;
Muito menos pode ser cremado e jogadas as cinzas no mar ou no quintal,
Ou mesmo podem as cinzas serem guardadas bem no fundo do guarda-roupa,
Numa caixinha de lembranças com fotos velhas e amareladas ou comidas por traças.

É dia 15 de fevereiro,
Quando o olhar triste do povo sofrido do subúrbio de Salvador é o de viúvo
Que chora, que sofre, que arranca os cabelos;
Que se desespera ao contar o dinheiro e diminuir com as despesas:
O valor é negativo e o número vermelho cutuca como o diabo faz com o pecador.

Pra onde foi o dinheiro? Pra onde foi o dinheiro?
Foi com o defunto, sumiu com o defunto,
Junto com o apito e os trilhos velhos e a vista pro mar;
Sumiu junto com o assassino e a construção do VLT;
Sumiu junto com as ferrovias e os ferroviários.

No dia 15 de fevereiro acaba uma história
E começa outra onde a nostalgia é uma fantasia doce,
Que espanta a dor e
Cicatrizas as feridas do presente
Para que se abram de novo amanhã,
Mas não se tornem mais sanguinolentas do que ontem.

No dia quinze de fevereiro morre um velho amigo do subúrbio,
Humilde amigo dos pobres, e
Toma seu lugar um esnobe bem-apanhado,
Que exclui o povo pobre e ainda olha feio,
Mesmo ele estando atrasado.
Mesmo ele sendo um vadio.

Angélica Lino